



**O MODO CONJUNTIVO EM PORTUGUÊS E  
EM HÚNGARO COM BASE EM  
*AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE*  
DE JOSÉ SARAMAGO**

**Tomasz Hodana**

*O modo conjuntivo em português e em húngaro com base em As Intermitências da Morte de José Saramago*

*The conjunctive mood in Portuguese and Hungarian based on As Intermitências da Morte by José Saramago*

## Resumo

O trabalho tem como objetivo analisar o emprego do modo Conjuntivo em português e húngaro, olhando de perto para as origens e para a morfologia desse modo em húngaro com base em *Rendhagyó nyelvtörténet* de Varga. A frequência e o emprego do Conjuntivo são analisados com base em *As Intermitências da Morte* de José Saramago e na respetiva tradução húngara de Pál Ferenc. Constata-se que o português recorre ao Conjuntivo com uma frequência muito maior do que o húngaro – foram encontradas 897 formas no texto português e 490 no equivalente húngaro – embora, em certos contextos, o húngaro seja forçado a usar o Conjuntivo, onde o português opta pelo infinitivo. No entanto, também foram encontrados numerosos usos comuns, dos quais prevalece o emprego do Conjuntivo nas orações adverbiais finais em ambas as línguas.

Palavras-chave: o Conjuntivo, a língua portuguesa, a língua húngara, José Saramago

## Abstract

This paper aims to analyse the use of the subjunctive mood in Portuguese and Hungarian, looking closely at the origins and morphology of this mood in Hungarian based on Varga's *Rendhagyó nyelvtörténet*. The frequency and use of the subjunctive are analysed based on José Saramago's *Death with Interruptions* and the corresponding Hungarian translation by Pál Ferenc. It can be concluded that Portuguese resorts to the subjunctive much more often than Hungarian does – 897 forms have been found in the Portuguese text, 490 having been found in the Hungarian equivalent – although, in some contexts, Hungarian must use the subjunctive where Portuguese chooses the infinitive. Nevertheless, numerous examples of common use have also been found in both languages, among which the use of the subjunctive in clauses of purpose predominates.

**Keywords:** the subjunctive, the Portuguese language, the Hungarian language, José Saramago

## Nota introdutória

O modo Conjuntivo constitui um assunto que continua a fascinar os aprendentes das línguas que o contêm, mas que também pode ser tratado como desafio pelos falantes das línguas que não o possuem. Dito isto, esse modo verbal pode ser encontrado até nas línguas menos esperadas. Revela-se que o húngaro, uma língua não relacionada com o português nem genealógica, nem tipologicamente (que de facto nem faz parte da família indo-europeia, à qual pertence a maioria das línguas da Europa), compartilha com ele este traço. No entanto, neste aspeto, existem entre essas duas línguas diferenças significativas. Neste artigo analisaremos o emprego do Conjuntivo com base em *As Intermittências da Morte* de José Saramago, a obra que nos serviu de referência no nosso estudo. Note-se que, já que se trata da obra de Saramago, recorreremos à vertente europeia da língua portuguesa, portanto qualquer divergência exibida relativamente ao português do Brasil não deverá ser levada em consideração.

### 1. O que é o Conjuntivo?

Gostaríamos de começar este texto, olhando de perto para as definições do modo Conjuntivo encontradas em dicionários de português e de húngaro.

O Dicionário da Língua Portuguesa define-o como “modo que exprime a ação como uma possibilidade, uma eventualidade, uma expectativa ou dúvida, traduzindo a pouca responsabilidade assumida pelo falante relativamente ao que está a ser dito”. Por outro lado, num dicionário de húngaro, *Magyar Értelmező Kéziszótár*, lemos “Em algumas línguas, indo-europeias, uma forma verbal específica que ocorre numa frase subordinada da frase principal”. Destaca-se o uso da palavra *indo-europeias*, já que o húngaro, como já mencionámos, não faz parte dessa família de línguas; pelo contrário, o húngaro é, junto com o finlandês e o estónio, uma língua fino-úgrica. Será que isto significa que o modo Conjuntivo não existe em húngaro?

Se for comparado com as línguas românicas, o discernimento do Conjuntivo em húngaro pode ser uma questão problemática, pois no que toca ao Conjuntivo em húngaro (que nessa língua se chama *köötőmód*), falamos de formas cuja morfologia converge com o modo Imperativo. Vejamos aqui como Varga (2020, p. 66) explica este fenómeno:

A interpretação do Conjuntivo dentro do quadro morfológico tradicional dos modos verbais não é possível em húngaro, uma vez que o Conjuntivo não possui uma desinência independente que o distingue das desinências dos outros modos (como -Ø do Indicativo, -nA/- nÁ do Condicional e -j do Imperativo). Formalmente coincide (mais ou menos) com o modo Imperativo, morfológicamente deve aparecer com a desinência -j do Imperativo na forma verbal, pelo que o seu expoente gramatical é homónimo do Imperativo (Varga, 2020, p. 66).

Contudo, Varga é a favor da existência desse modo em húngaro, um ponto de vista que ela argumenta com a seguinte afirmação:

O Conjuntivo é, no entanto, um modo existente, já que há uma diferença significativa entre frases que contêm um imperativo real e as que as [frases com um imperativo real] citam ou orações subordinadas que contêm uma desinência -j, ao mesmo tempo não sendo de todo imperativas.

Há também um outro traço característico do Conjuntivo que o separa do Imperativo. Varga (2020, p. 65) chama a nossa atenção ao seguinte facto: o que distingue o Conjuntivo do Imperativo é que o primeiro dispõe de conjugação completa, cada pessoa gramatical tendo uma forma verbal separada, enquanto o Imperativo se caracteriza por uma conjugação defetiva.

## 2. As origens do modo Conjuntivo em húngaro

O Conjuntivo em húngaro aparece, principalmente, em orações compostas. Comparando o húngaro com as línguas relacionadas bem como levando em consideração dados retirados de estudos sobre o período inicial da língua chegamos à conclusão de que é possível o uso acima mencionado ter evoluído a partir de estruturas infinitivas com valor de oração final (a sugestão de Pomozi<sup>3</sup>, ainda apoiada por Varga). Segundo essa afirmação, a frase:

(1) a. *Pista leült befűzni a cipőfűzőjét* (lit. ‘O Pista sentou-se atar os atacadores’)

teria dado origem a:

(1) b. *Pista leült, hogy befűzze a cipőfűzőjét* (lit. ‘O Pista sentou-se para que atasse [ele próprio] os atacadores’)

ambas as frases significando ‘O Pista sentou-se para atar os atacadores’.

---

<sup>3</sup> Todas as referências neste capítulo são citadas por Varga (2020).

Um antigo manuscrito húngaro, *Halotti Beszéd és Könyörgés* ‘Sermão funeral e oração’, datado entre 1192 e 1195, constitui prova de que as estruturas infinitivas com valor de oração final são consideravelmente mais antigas do que a construção que recorre ao Conjuntivo, o que é observado por Varga:

(2) a. *Es mend paradisumben uolov gimilcictul munda neki elnie*, na altura pronunciado (utilizando a ortografia moderna do húngaro) *És mind Paradicsomben való gyümölcsöktől monda neki élnie*.

Comparemos agora dita frase com a sua versão contemporânea:

(2) b. *És a paradicsomban lévő minden gyümölcsből, monda neki, hogy éljen*.

‘E de todos os frutos do paraíso, disse-lhe para comer’ (lit. ‘viver’).

Csepregi (2014, p. 100), a quem Varga se refere (2020), afirma que “o desenvolvimento do participio > verbo finito é um processo de gramaticalização bem conhecido”, pelo que esta evolução não é de todo incomum. Aliás, um exemplo típico que mostra essa transformação do participio num verbo finito é a construção do tempo passado, que em húngaro se forma através da desinência *-t-*:

(3) *A hús megsült*.

‘A carne está cozida’.

No que toca à morfologia do modo Conjuntivo, é possível que o aparecimento tardio da construção conjuntiva em orações subordinadas seja responsável pelo facto de este modo verbal em húngaro não possuir nenhuma desinência independente e ter de partilhar as suas formas com outro modo (Pomozi, 1991, p. 10).

### 3. As especificidades do húngaro

Aqui vale a pena parar e aprofundar o tema da especificidade da conjugação verbal húngara, que nos ajudará a perceber melhor como funciona essa língua e quais diferentes aspectos dela são em comparação com a portuguesa. Trata-se das características das línguas aglutinantes, uma das quais é o húngaro.

#### 3.1. Harmonia vocálica

A posição da língua enquanto pronunciamos as vogais é crucial para percebermos este fenómeno. A língua húngara possui as seguintes vogais: a [ɒ], á [a:], e [ɛ], é [e:], i [i], í [i:].

o [o], ó [o:], ö [ø], ő [ø:], u [u], ú [u:], ü [y], ű [y:]. Observa-se que ao pronunciar a [ɒ], á [a:], o [o], u [u] e ú [u:] a língua recua, mas já avança durante a pronúncia de e [ɛ], é [e:], i [i], í [i:], ö [ø], ő [ø:], ü [y] e ű [y:]. Portanto, a [ɒ], á [a:], o [o], u [u] e ú [u:] levam o nome de vogais posteriores, enquanto e [ɛ], é [e:], i [i], í [i:], ö [ø], ő [ø:], ü [y] e ű [y:] – anteriores. Nessa divisão baseia-se o conceito inteiro da harmonia vocálica, pois as vogais presentes na palavra determinam a vogal no sufixo gramatical (cf. Mroczko 1973: 29): as palavras húngaras sendo classificadas como pertencentes ao grupo posterior (com vogais posteriores) ou anterior (com vogais anteriores), os sufixos classificam-se, na maioria dos casos, da mesma maneira ex. compare-se *a* *iskolában* ‘na escola’ e *a hegyben* ‘na montanha’. A harmonia vocálica desempenha um papel importante, já que essa classificação é um dos fatores segundo os quais será agrupada a conjugação verbal no presente artigo, as terminações pessoais húngaras comportando-se como sufixos. Para dar um exemplo, vejamos como a harmonia vocálica se realiza na conjugação de três verbos regulares: *rajzol* ‘desenhar’, *szeret* ‘amar’ e *üt* ‘bater’ no Presente do Indicativo (húng. *kéjlesztő mód*):

	rajzol ‘desenhar’	szeret ‘amar’	üt ‘bater’
én	rajzol- <b>o</b> -k	szeret- <b>e</b> -k	üt- <b>ő</b> -k
te	rajzol-sz	szeret-sz	üt-sz
ő, ön	rajzol-	szeret-	üt-
mi	rajzol- <b>u</b> -nk	szeret- <b>ü</b> -nk	üt- <b>ü</b> -nk
ti	rajzol-t- <b>o</b> -k	szeret-t- <b>e</b> -k	üt-t- <b>ő</b> -k
ők, önök	rajzol-n- <b>a</b> -k	szeret-n- <b>e</b> -k	üt-n- <b>e</b> -k

Tabela 1. Conjugação dos verbos *rajzol*, *szeret* e *üt* no Presente do Indicativo.

### 3.2. Conjugação definida e indefinida

A classificação dos verbos húngaros é muito diferente da que podemos observar nas línguas indo-europeias. O húngaro possui dois paradigmas verbais completos, que se chamam conjugações indefinida e definida. Varga (2020, p. 39) levanta esse tema intrigante, uma vez que o húngaro possui, além disso, um artigo definido.

Funcionalmente, um destes paradigmas é essencialmente redundante: o artigo definido ~ indefinido (ou a falta de artigo) seria um dispositivo gramatical suficiente para distinguir a relação definido ~ indefinido [...]. No entanto, em húngaro, continuamos a usar dois tipos de conjugação: um verbo sem objeto ou com um objeto indefinido pertence à conjugação indefinida, no entanto, se o objeto for definido, não é apenas marcado pelo substantivo que atua como objeto, mas também pelo verbo: neste caso, temos de escolher os sufixos de número ou de pessoa apropriados do paradigma verbal definido.

Dito isto, a conjugação indefinida (húng. *határozatlan ragozás*), também chamada de conjugação do sujeito (húng. *alanyi ragozás*) ou conjugação geral (húng. *általános ragozás*) emprega-se quando o objeto da frase é indefinido.

(4) a. [Egy]<sup>4</sup> *képet rajzolok*.

‘Desenho uma imagem’.

Também a empregamos quando a frase não tem objeto de todo, portanto, quando ela se concentra no sujeito (daí o nome “conjugação do sujeito”):

(4) b. *Mindennap [-] olvasok*.

‘Leio [-] todos os dias’.

Por sua vez, a conjugação definida (húng. *határozott ragozás*), também chamada de conjugação do objeto (húng. *tárgyas ragozás*) emprega-se quando o objeto (húng. *tárgy*) da frase é definido. O objeto pode estar expresso de forma explícita, com frequência precedido do artigo definido *a / az*:

(5) a. *A képet rajzolom*.

‘Desenho **a** imagem’

Mas podemos também exprimi-lo de maneira implícita, p. ex.

(5) b. *Köszönöm*.

‘Agradeço / Obrigado’.

O verbo *köszön* ‘agradecer’ no exemplo mostrado acima está na sua forma definida, porque em geral agradecemos, implicitamente, algo concreto. Este simples *köszönöm* pode referir-se e, por conseguinte, também estender-se para um objeto definido tal como:

(5) c. *Köszönöm a segítségét*.

‘Agradeço a tua ajuda’.

Até possível que se estenda para uma oração subordinada inteira, como em:

(5) d. *Köszönöm, hogy itt jöttél*.

‘Obrigado por teres vindo’.

---

<sup>4</sup> O uso do artigo indefinido *egy* não é obrigatório, pelo que o colocámos entre parênteses. Além disso, optámos por colocá-lo para mostrar de forma mais visível a distinção da conjugação definida, que ocorre frequentemente com um objeto acompanhado do artigo definido.

Os verbos *tud* ‘saber’ e *ért* ‘perceber’ comportam-se da mesma maneira como *készön*, ou seja ocorrem mais frequentemente na conjugação definida (ex. tudom ‘sei’, értem ‘percebo’) pela mesma razão: sabe-se e percebe-se, em geral, algo definido de que se está a falar:

Os húngaros também recorrem à conjugação definida no que toca aos nomes próprios (Mroczko, 1973, p. 157), dado que os nomes próprios denotam algo ou alguém específico e concreto:

(5) e. **Meglátta** Tamást.

‘Viu o Tomás’.

O mesmo acontece com as palavras que empregam os sufixos possessivos (esses sufixos são um traço característico das línguas aglutinantes):

(5) f. **Szeretem** anyámat.

‘Amo a minha mãe’.

Note-se um facto importante: nem todos os verbos possuem uma conjugação definida, porque nem todos necessitam de um objeto, por exemplo os verbos *dolgozik* ‘trabalhar’ e *alszik* ‘dormir’ pertencem aos chamados verbos sem objeto, (húng. *tárgyatlan igék*), isto é, verbos intransitivos. Como não se pode “dormir algo”, esses verbos só dispõem de formas indefinidas.

Podemos observar a diferença na morfologia entre as duas conjugações com base nas tabelas abaixo.

Primeiro, olhemos para o verbo *rajzol* ‘desenhar’, que pertence ao grupo posterior (com vogais posteriores):

pessoa	rajzol ‘desenhar’	
	conjugação indefinida	conjugação definida
én	rajzol-ok	rajzol-om
te	rajzol-sz	rajzol-od
ő, ön	rajzol-	rajzol-ja
mi	rajzol-unk	rajzol-juk
ti	rajzol-tok	rajzol-játok
ők, önök	rajzol-nak	rajzol-ják

Tabela 2. O verbo *rajzol* nas suas conjugações indefinida e definida no Presente do Indicativo.

Agora, vejamos o verbo *szeret* ‘amar’, que consiste em vogais anteriores, portanto, faz parte do grupo anterior:



	szeret ‘amar’	
pessoa	conjugação indefinida	conjugação definida
én	szeret-ek	szeret-em
te	szeret-sz	szeret-ed
ő, ön	szeret-	szeret-i
mi	szeret-ünk	szeret-jük
ti	szeret-tek	szeret-itek
ők, önök	szeret-nek	szeret-ik

Tabela 3. O verbo *szeret* nas suas conjugações indefinida e definida no Presente do Indicativo.

Por fim, analisemos o verbo *üt* ‘bater’, que, tal como *szeret*, contém vogais anteriores, mas pronunciadas com um arredondamento dos lábios (ü), portanto a sua conjugação difere ligeiramente da do verbo acima:

	üt ‘bater’	
pessoa	conjugação indefinida	conjugação definida
én	üt-ök	üt-öm
te	üt-sz	üt-öd
ő, ön	üt-	üt-i
mi	üt-ünk	üt-jük
ti	üt-tök	üt-itek
ők, önök	üt-nek	üt-ik

Tabela 4. O verbo *üt* nas suas conjugações indefinida e definida no Presente do Indicativo.

#### 4. A morfologia do Conjuntivo em húngaro

Uma das maiores diferenças entre a morfologia do Conjuntivo português e o húngaro consta nos tempos verbais. Enquanto o Conjuntivo português possui seis tempos verbais, o seu equivalente húngaro não depende do tempo verbal da oração principal: as formas são sempre as mesmas.

A desinência do Conjuntivo húngaro é *j*. No entanto, este *j*, dependendo da terminação da forma verbal de base (ou seja, verbo na 3ª pessoa do singular no Presente do Indicativo), pode sofrer várias mudanças. Dito isto, no presente estudo limitar-nos-emos à categoria mais abrangente, ou seja, naquela em que o *j* não sofre mudança. Analisaremos três verbos: *rajzol* ‘desenhar’ já conhecido, *enged* ‘permitir’ e *tör* ‘quebrar’. *Szeret* ‘amar’ e *üt* ‘bater’, que já apareceram, não estão aqui incluídos, porque pertencem à categoria dos verbos em que ocorrem mudanças

##### 4.1. Verbos com vogais posteriores

Vejamos o verbo *rajzol* ‘desenhar’, primeiro nas suas formas indefinidas.

rajzol ‘desenhar’		
conjugação indefinida		
peessoa	Indicativo	Conjuntivo
én	rajzolak	<b>rajzol-j-ak</b>
te	rajzolsz	<b>rajzol-j-ál / rajzol-j</b>
ő, ön	rajzol	<b>rajzol-j-on</b>
mi	rajzolunk	<b>rajzol-j-unk</b>
ti	rajzoltok	<b>rajzol-j-atok</b>
ők, önök	rajzolnak	<b>rajzol-j-anak</b>

Tabela 5. A conjugação indefinida do verbo *rajzol* no Indicativo e Conjuntivo.

Repare-se que a 2ª pessoa do singular dispõe de duas formas possíveis no Conjuntivo. Embora ambas sejam equivalentes, a forma mais curta é muito mais comum (Szita & Görbe, 2010, p. 72). Isso aplica-se tanto às formas indefinidas, como às definidas, o que veremos adiante.

Vejamos agora a conjugação definida desse verbo:

rajzol ‘desenhar’		
conjugação definida		
peessoa	Indicativo	Conjuntivo
én	rajzolom	<b>rajzol-j-am</b>
te	rajzolod	<b>rajzol-j-ad / rajzol-d</b>
ő, ön	rajzolja	<b>rajzol-j-a</b>
mi	rajzoljuk	<b>rajzol-j-uk</b>
ti	rajzoljátok	<b>rajzol-j-átok</b>
ők, önök	rajzolják	<b>rajzol-j-ák</b>

Tabela 6. A conjugação definida do verbo *rajzol* no Indicativo e Conjuntivo

Destaca-se o facto de que, na conjugação definida, as formas conjuntivas da 3ª pessoa do singular e o plural inteiro coincidem com as do Indicativo. Contudo, isso só acontece no caso dos verbos com vogais posteriores.

#### 4.2. Verbos com vogais anteriores

Neste grupo, olhemos de perto para o verbo *enged* ‘permitir’. Eis a sua conjugação indefinida:

enged ‘permitir’		
conjugação indefinida		
peessoa	Indicativo	Conjuntivo
én	engedek	<b>enged-j-ek</b>
te	engedsz	<b>enged-j-él / enged-j</b>
ő, ön	enged	<b>enged-j-en</b>
mi	engedünk	<b>enged-j-ünk</b>
ti	engedtek	<b>enged-j-etek</b>
ők, önök	engednek	<b>enged-j-enek</b>

Tabela 7. A conjugação indefinida do verbo *enged* no Indicativo e Conjuntivo

Agora, observemos a sua variante definida:

	enged 'permitir'	
	conjugação definida	
pessoa	Indicativo	Conjuntivo
én	engedem	<b>enged-j-em</b>
te	engeded	<b>enged-j-ed / enged-d</b>
ó, ön	engedi	<b>enged-j-e</b>
mi	engedjük	<b>enged-j-ük</b>
ti	engeditek	<b>enged-j-étek</b>
ók, önök	engedik	<b>enged-j-ék</b>

Tabela 8. A conjugação definida do verbo *enged* no Indicativo e Conjuntivo

Note-se que a única forma coincidente entre os dois modos é *engedjük*, contrariamente aos verbos que contêm vogais posteriores.

### 4.3. Verbos com vogais anteriores pronunciadas com o arredondamento dos lábios

Tomemos como exemplo do verbo *tör* 'quebrar', cuja variante indefinida é:

	tör 'quebrar'	
	conjugação indefinida	
pessoa	Indicativo	Conjuntivo
én	török	<b>tör-j-ek</b>
te	törsz	<b>tör-j-él / tör-j</b>
ó, ön	tör	<b>tör-j-ön</b>
mi	törünk	<b>tör-j-ünk</b>
ti	törtök	<b>tör-j-etek</b>
ók, önök	törnek	<b>tör-j-enek</b>

Tabela 9. A conjugação indefinida do verbo *tör* no Indicativo e Conjuntivo

Veja-se que a única diferença na conjugação do Conjuntivo entre os verbos com vogais anteriores e os verbos com vogais anteriores pronunciadas com os lábios arredondados está na terminação da 3ª pessoa do singular na conjugação indefinida (comparem-se *-jen* e *-jön*).

Eis as formas definidas do verbo *tör*:

	tör 'quebrar'	
	conjugação indefinida	
pessoa	Indicativo	Conjuntivo
én	Töröm	<b>tör-j-em</b>
te	Töröd	<b>tör-j-ed / tör-d</b>
ó, ön	Töri	<b>tör-j-e</b>
mi	Törük	<b>tör-j-ük</b>
ti	Töritek	<b>tör-j-étek</b>
ók, önök	Törük	<b>tör-j-ék</b>

Tabela 10. A conjugação definida do verbo *tör* no Indicativo e Conjuntivo

## 5. Os contextos do uso do Conjuntivo em húngaro

Segundo Varga (2020, p. 67) podemos dividir o uso do modo Conjuntivo em húngaro nas seguintes categorias:

### 5.1. Na oração subordinada

#### 5.1.1. Nas orações subordinadas finais

O uso do Conjuntivo na oração subordinada final resulta da ligação lógica entre as duas orações. Varga enumera neste lugar as características deste uso do Conjuntivo, as mais importantes sendo:

- a) O prefixo que não se separa do verbo

Um dos traços principais dos verbos húngaros é o facto de se poder separar o prefixo do verbo em alguns contextos, p. ex.:

(6) *Elmegyek.*

‘Saio’ (Indicativo).

Mas:

(7) *Menj el!*

‘Sai!’ (Imperativo).

O Conjuntivo, por outro lado, acarreta a ordem direta dos verbos com prefixo (húng. *igekötős igék*), isto é, os verbos vão juntos com os seus prefixos. Este fenómeno também prova que não se trata de um pedido real, senão empregar-se-ia o Imperativo, que separa o prefixo do verbo. Olhemos para a seguinte frase:

(8) *Azért jöttem Magyarországra, hogy **megtanuljak** magyarul.*

‘Vim para a Hungria para aprender húngaro’.

Observa-se que o prefixo *meg-* não se separa do verbo.

- b) A existência de um paradigma verbal completo

Como já tínhamos dito, o Conjuntivo húngaro possui, contrariamente ao Imperativo, um paradigma verbal completo: todas as pessoas têm as suas próprias formas verbais.

### 5.1.2. Nas orações subordinadas conjuntivas evocadas pela(s) marca(s) semântica(s) específica(s) do predicado na oração principal

A característica comum destes predicados é que exprimem juízos de valor, emoções, vontades, desejos: por outras palavras, a atitude do locutor em relação ao acontecimento ou ao facto descrito na oração subordinada. Podemos elencar aqui exemplos como *fontosnak tart valamit* ‘considerar algo importante’, *lebetőve tesz valamit* ‘possibilitar algo’, *elvár valamit* ‘esperar algo’ e *engedélyez valamit* ‘permitir algo’. Estes predicados da oração principal são utilizados nas orações subordinadas a fim de intensificarem o carácter incerto, duvidoso, presumido, suposto, desejado, etc. da ação ou do acontecimento.

Varga (2020, p. 69) divide os predicados mais frequentes que desencadeiam o uso do modo Conjuntivo nas orações subordinadas nos seguintes grupos:

a) predicados que exprimem a avaliação racional, p. ex.

(9) *Fontos, hogy tanuljál.*

‘É importante que comas’.

b) predicados que exprimem permissão ou proibição, p. ex.

(10) *Megtiltom, hogy menjél a barátáiddal.*

‘Proíbo-te de ires com os teus amigos’.

c) predicados que exprimem objetivo, intenção, vontade, p. ex.

(11) *Sokat igyekszem arra, hogy a jegyeim jók legyenek.*

‘Esforço-me muito para que as minhas notas sejam boas’.

d) predicados que exprimem desejo, p. ex.

(12) *Akarom, hogy azt csináld.*

‘Quero que faças isso’.

## 5.2. O uso na oração principal

O uso do Conjuntivo na oração principal é muito raro em húngaro. Varga (2020, p. 67) só elenca aqui duas construções:

a) a do tipo *El kell menjek* ‘tenho de ir’, *Kell siessek* ‘tenho de me despachar’

Esta construção coexiste com mais duas: *(nekem) el kell mennem*, que emprega um Infinitivo flexionado, e *(én) el kell, bogy menjek*, que emprega o Conjuntivo. Todas as três têm o mesmo significado – “Tenho de ir”. De facto, a construção do tipo *el kell menjek* evoluiu a partir de *el kell, bogy menjek*, tendo-se livrado da conjunção *bogy* ‘que’.

b) a do tipo *Van / nincs mit felvegyek* ‘(Não) tenho o que vestir’, *Van / nincs kivel beszélgessek* ‘(Não) tenho com quem falar’

Esta construção provém supostamente de orações compostas subordinadas de sujeito nas quais o predicado da oração principal é a forma singular da 3ª pessoa do verbo “ser”. A “palavra indicadora” da oração principal é um pronome demonstrativo adjetival cujo significado é expresso pela oração subordinada introduzida pela conjunção do pronome relativo, o que se pode ilustrar da seguinte maneira:

*Van / nincs (olyan), amit felvegyek* > *Van / nincs mit felvegyek*

‘(Não) tenho (tal coisa) o que vestir’ > ‘(Não) tenho o que vestir’

## 6. A análise do emprego do modo Conjuntivo em português e húngaro com base em *As Intermitências da Morte* de José Saramago

Para compararmos os modos Conjuntivos em português e em húngaro, servimo-nos de *As Intermitências da Morte* de José Saramago na versão original portuguesa (2005) e na tradução para o húngaro intitulada *Halálszjünet*, feita por Pál Ferenc (2007). Escolhemos fragmentos equivalentes em ambas as versões, mas além disso também queríamos estabelecer a frequência com a qual este modo aparece em cada uma destas línguas. Para tal, foram contadas as ocorrências do Conjuntivo no original e na tradução. Note-se que nos baseámos unicamente na obra de Saramago, portanto as conclusões tiradas, embora, até certo ponto, denotadoras do emprego do Conjuntivo, podem não se aplicar a cem por cento à frequência de uso deste modo no dia a dia, visto tratar-se de linguagem literária divergindo, em maior ou menor grau, da linguagem coloquial.

O número de formas que conseguimos encontrar foi o seguinte. No caso do português, que divide o Conjuntivo em tempos verbais, colocámos o número específico das formas de cada tempo que foram encontradas. A coluna destinada ao húngaro só contém o número total, uma vez que a língua húngara não distingue entre tempos diferentes do Conjuntivo, contrariamente à portuguesa.

	Português		Húngaro
	O total de formas do Conjuntivo encontradas	897	
		Presente	377
		Pretérito Imperfeito	330
		Futuro	105
		Pretérito Mais-Que-Perfeito	62
		Pretérito Perfeito	22
		Futuro Perfeito	1

Tabela 11. O total de formas do Conjuntivo encontradas na versão original e na tradução húngara do romance *As Intermittências da Morte* de José Saramago

Observa-se que o português emprega o Conjuntivo com uma frequência muito maior do que o húngaro; aos 490 exemplos recolhidos da tradução húngara opõem-se os 897 encontrados na versão original portuguesa. O tempo mais comumente usado, com 377 formas, é o Presente do Conjuntivo; por outro lado, repara-se o Futuro Perfeito do Conjuntivo, que só aparece uma vez no texto inteiro. Não é nada surpreendente que o Imperfeito do Conjuntivo, tal como o Presente do Conjuntivo, goze de numerosas ocorrências, tratando-se, afinal, de um texto literário. Também não é de espantar o número das formas do Futuro do Conjuntivo; visto que o texto contém muitas orações principais no Presente e Futuro do Indicativo, é natural observarmos o Futuro do Conjuntivo, que está intimamente ligado a ambos. O que pode, de facto, surpreender, é que, apesar de o Pretérito Perfeito do Conjuntivo e o Presente do Conjuntivo serem ambos relacionados com o Presente do Indicativo, o Pretérito Perfeito do Conjuntivo só apareça 22 vezes, enquanto o Presente do Conjuntivo foi encontrado, nada mais nada, menos do que 377 vezes. Poder-se-ia esperar muito mais ocorrências do primeiro, dada a imensa popularidade do segundo.

No que toca ao húngaro, o número muito mais reduzido de formas do Conjuntivo pode ser explicado de duas maneiras:

a) o Conjuntivo húngaro tem um emprego muito mais restrito do que o português, não se usando, por exemplo, em orações condicionais ou adverbiais que exprimem o futuro; no primeiro caso, o húngaro emprega as formas do modo condicional; no outro, o Futuro do Indicativo, em húngaro seria: “\*Se **seria** rico, **compraria** uma casa grande” (hún. *Ha gazdag **lennék**, nagy házat **vennék***) e “\*Quando **serei** grande, **serei** doutor” (hún. *Amikor nagy **leszek**, orvos **leszek***);

b) às vezes, no que se refere ao uso independente do modo Conjuntivo, existem formas que, segundo os critérios da gramática portuguesa (veja-se *Nova Gramática do Português Contemporâneo* de Cunha e Cintra (2017)), seriam consideradas como as do Conjuntivo, mas em húngaro são atribuídas ao Imperativo.

Antes de passarmos à análise, propriamente dita, convém realçar que nem cada uso do Conjuntivo em português equivale ao respetivo emprego do Conjuntivo em húngaro. Por exemplo, o húngaro emprega os tempos do Indicativo, onde o português recorre ao Futuro do Conjuntivo. Por esta razão, nem cada exemplo do Conjuntivo recolhido da versão portuguesa será acompanhado do Conjuntivo na tradução húngara. Sempre este seja o caso e se mostra necessário, colocaremos um comentário com a tradução literal entre parênteses.

### 6.1. Usos comuns

Comecemos pelos usos comuns do Conjuntivo em ambas as línguas, que conseguimos encontrar no romance de Saramago. Note-se que, por falta de espaço, só nos podemos limitar a alguns exemplos que consideramos os mais representativos. São estes:

a) predicados que exprimem permissão:

(13) a. Quanto a ter-se apaixonado por mim, não espere que lhe **responda**, há certas palavras que estão proibidas na minha boca. (p. 205)

(13) b. *Arra meg, hogy belém szeretett, ne várja, hogy valamit is **válaszoljak**, bizonyos szavak nem hagyhatják el a száját.* (p. 240)

b) predicados que exprimem vontade:

(14) a. A igreja nunca se lhe pediu que **explicasse** fosse o que fosse (...). (p. 20)

(14) b. *Az egyháztól soha, semmilyen körülmények között nem kérték, hogy valamit is **megmagyarázzon** (...).* (p. 22)

(15) a. Perante a gravidade da situação, o ministro do interior decidiu mostrar o seu poder ao desconhecido inimigo, ordenando (...) que os espias **intensificassem** a acção investigadora (...). (p. 49)



(15) b. *A helyzet súlyosságát látva, a belügyminiszter úgy döntött, megmutatja hatalmát az ismeretlen ellenségnek, (...) megparancsolta, hogy a besúgók **fokozzák** a nyomozati tevékenységet (...).* (p. 57)

c) predicados que exprimem avaliação racional:

(16) a. A única [responsabilidade] que nos interessa neste momento é que **faça** chegar a proposta (...). (p. 50)

(16) b. *Minket ebben a pillanatban csak az érdekel, hogy **jutassa el** javaslatunkat (...).* (p. 58)

(17) a. O importante é (...) que **mantenhamos** a fachada (...). (p. 52)

(17) b. *Az a fontos, hogy a látszatot **fenntartsuk** (...).* (p. 61)

d) orações adverbiais finais:

(18) a. [S]e as fazemos não é apenas para que nos **respondam** o que nesse momento necessitamos que os interpelados **escutem** da sua própria boca, é também para que se **vá preparando** o caminho às futuras respostas. (p. 19)

(18) b. *[N]emcsak azért tesszük fel őket, hogy azt **válaszolják**, amit abban a pillanatban éppen hallani szeretnénk a megkérdezettek szájából, hanem azért is, hogy **előkészítsük** az utat a jövőbeli válaszokhoz. (lit. “para que **preparemos**”) (p. 21)*

(19) a. Depois, as duas irmãs, com mil cautelas para que não **resvalasse**, receberam o corpo do pai (...). (p. 43)

(19) b. *Azután a két nővér óvatosan, nobody **lecsússzon**, karjába vette édesapjuk testét (...).* (p. 49)

(20) a. Providenciaremos para que esses [os registros] **desapareçam** também. (p. 51)

(20) b. *Majd tesszünk róla, hogy azok [a felvételek] is **eltűnjenek**.* (p. 60)

(21) a. [A] mesma morte existe desde sempre e não se vislumbra nenhum motivo para que **precisasse** de mudar de cara ao longo dos tempos (...). (p. 129)

(21) b. [A] *kezdetek óta ugyanaz a halál létezik, és nincsen semmi oka annak, hogy az idők során megváltoztassa az arcát (...).* (lit. “para que **mudasse** de cara”) (p. 151)

(22) a. Afastou-se para a deixar passar, fechou a porta, tudo devagar, lentamente, para que o coração não lhe **explodisse**. (p. 206)

(22) b. *Félreállt, hogy utat engedje, bezárta az ajtót, lassan, alig mozdulva, nehogy **szétrobbanjon** a szíve.* (p. 241)

Repare-se que, por vezes, o tradutor opta por um verbo diferente do usado por Saramago, p. ex. Em (23) a. o autor português exprime um desejo, enquanto em (23) b. o tradutor húngaro escolheu uma permissão:

(23) a. [A] nossa especialidade, se quer que lhe **dê** uma imagem para compreender melhor, é a balística. (p. 19)

(23) b. [A] *mi legfőbb jellemzőnk, ha megengedi, hogy egy képpel érthetőbbé **tegyem**, a ballisztika.* (lit. “se permite que...”) (p. 20)

Dito isto, a mudança do verbo nos casos acima mencionados não resultou na eliminação do emprego do Conjuntivo.

## 6.2. Usos diferentes

Observemos agora de perto algumas frases recolhidas do texto, onde o português emprega o Conjuntivo, enquanto o húngaro recorre a outros modos:

a) orações condicionais com uma solução hipotética ou irrealizável:

(24) a. As famílias dos quatro seguintes vigilantes, se **soubessem** o que se está a passar aqui, não lhe chamariam assim. (p. 58)

(24) b. *A négy következő felvigyázó családja, ha **tudná**, mi történik itt, bizonyosan nem így vélekedne.* (lit. “\*se **saberiam**”) (p. 68)

b) conjunções concessivas:

(25) a. Embora esta informação já **tenha sido** dada antes (...). (p. 128)

(25) b. *Bár erről az előbb már **szóltunk** (...).* (lit. “\*embora já **falámos** disso”) (p. 150)

c) expressão de dúvida no uso independente:

(26) a. Talvez, meu caro, o seu ministro lhe **esteja** parecendo demasiado cínico. (p. 53)

(26) b. *Kedves barátom, lebet, hogy túlontúl cinikusnak tartja a miniszterét.* (lit. “\*talvez **acha** o seu ministro demasiado cínico”) (p. 62)

e) expressão de dúvida na oração subordinada:

(27) a. Não creio sequer que ela **exista** (...). (p. 55)

(27) b. *Nem hiszem, hogy volna* (...). (lit. “\*não creio que [a] **haveria**”) (p. 65)

Note-se que, por ser necessário usar em húngaro, o Conjuntivo nas orações finais, mesmo que elas tenham o mesmo sujeito que está nas orações principais, na tradução húngara observa-se o Conjuntivo onde, no original, o autor se serviu de um simples Infinitivo:

(28) a. [M]as é fácil imaginar que, colhidos de surpresa como toda a gente, ainda não estejamos preparados para **enunciar** uma primeira ideia sobre as origens do fenómeno e sobre as suas implicações, tanto as imediatas como as futuras. (p. 16)

(28) b. *[M]indazonáltal gondolják el, mivel minket is olyan meglepetésként ért mindez, mint akárki más, még nem vagyunk abban a helyzetben, hogy valamit nyilatkozhassunk a jelenség eredetéről és közvetlen, illetve távolabbi kibatásairól* (lit. “para que **possamos enunciar**”) (p. 17)

(29) a. Esse pobre diabo não tem remédio possível, nem valia a pena perder tempo a **operá-lo**, dizia o cirurgião. (p. 12)

(29) b. *Ezen a szegény ördögön már semmi sem segít, kár is időt pazarolni arra, hogy megoperáljuk, mondtá a sebész.* (lit. “perder tempo para que o **operemos**”) (p. 12)

Em (29) b. o tradutor optou pela 1ª pessoa do plural para dar a perceber que seriam o cirurgião e a sua equipa a operar “esse pobre diabo”. Aliás, é um fenómeno frequente os húngaros usarem a 1ª pessoa do plural como este tipo de sujeito geral.

(30) a. Nem sequer um daqueles acidentes de automóvel tão frequentes em ocasiões festivas, quando a alegre irresponsabilidade e o excesso de álcool se desafiam mutuamente nas estradas para **decidir** sobre quem vai conseguir chegar à morte em primeiro lugar. (p. 11)

(30) b. *Még autóbaleset sincs, pedig ez nem ritka az olyan ünnepi alkalmakkor, amikor a felszabadult szeretlenség és a kelletténél több alkohol versenyre kell az utakon, hogy dűlőre vigye, kié az előbbség a halálba vezető úton.* (p. 11)

### Considerações finais

O português e o húngaro são duas línguas que, teoricamente, não têm nada a ver uma com a outra, no entanto, o modo Conjuntivo é comum às duas línguas. Existe, porém, uma enorme diferença no que diz respeito à abordagem deste modo verbal, dependendo dos países das línguas mencionadas, pois os manuais de húngaro, frequentemente, nem sequer mencionam que o Conjuntivo nessa língua existe. Devido ao facto de esse modo verbal coincidir, morfológicamente, com o Imperativo, os manuais atribuem o Conjuntivo ao Imperativo (veja-se *Halló, itt Magyarország!*, um dos manuais conhecidos de húngaro, no qual só aparece a questão do *felszólító mód*, o Imperativo), pelo que os aprendentes são levados a pensar que o Conjuntivo não existe na dita língua. Varga (2020) prova que isso não é verdade, já que:

a) o modo Imperativo é, por excelência, defetivo e, nem todas as pessoas, possuem as suas próprias terminações verbais; o Conjuntivo, por sua vez, preenche esta lacuna, dispondo de um paradigma verbal completo;

b) há uma enorme diferença entre as frases com verdadeiros Imperativos e as que só citam estes Imperativos; como não se pode omitir a conjunção *hogy* ‘que, para que’ nas orações subordinadas (p. ex. nas frases como *Kívánok, hogy jól menjen* ‘Desejo que corra bem’), não se pode tratar de um verdadeiro imperativo, uma vez que um verdadeiro imperativo permitiria omitir esta conjunção; além disso, podemos encontrar frases que contêm formas com a desinência -j- (ou seja, desinência do Conjuntivo húngaro) sem serem imperativas. Seremos, então, levados a concluir que o Conjuntivo é, portanto, um modo existente em húngaro e que, tendo valores diferentes, estes dois modos deveriam ser distinguidos um do outro. Já que a língua húngara, como acabamos de mostrar, dispõe do Conjuntivo, o nosso estudo revelou que, sendo as línguas apresentadas distantes do ponto de vista tipológico e genealógico, possuem muitos traços comuns quanto ao emprego do modo em questão.

Com base na análise de um *corpus* de textos paralelos nas duas línguas, constituído pelo romance *As Intermittências da Morte* de José Saramago no original e na tradução húngara, chegámos à conclusão de que o português prevalece no que se refere à frequência de uso do Conjuntivo, dependendo o seu uso de vários contextos e que nos conduzem à utilização deste modo verbal em português, onde o húngaro tem de recorrer a outros modos verbais. No entanto, o facto de o húngaro não possuir um equivalente formal da construção “para + infinitivo”, tão popular em português, e, por conseguinte, ser obrigado a recorrer ao uso do Conjuntivo, nesse tipo de contextos, faz com que também não seja raro encontrarmos formas conjuntivas ao lermos textos escritos na língua húngara.

Também não nos podemos esquecer de que o Conjuntivo português se reparte por seis tempos diferentes, enquanto o húngaro só possui um tempo do Conjuntivo. Por causa desta “limitação”, os estudantes húngaros enfrentam muitas peculiaridades e dificuldades quando confrontados com a aquisição da língua portuguesa, porque a sua língua materna, o húngaro, no que toca ao Conjuntivo, é muito mais acessível do que o português. Apesar de todas as diferenças, note-se, no entanto, que ambas as línguas têm mais em comum do que se poderia esperar à primeira vista, já que o uso do número de contextos coincidentes nas duas línguas, é indiscutível.

Levando em conta os resultados da presente análise, seria desejável que, estudos comparativos de línguas tão distantes, como o português e o húngaro, se tornem um fenómeno muito mais frequente, visto que nos podem levar a conclusões pioneiras e facilitar o entendimento destas duas línguas, nas suas semelhanças e diferenças, tanto por aqueles que as ensinam, como por parte daqueles que as aprendem.

## **Referências bibliográficas**

- Alves, B. P., Abílio et al. (2022). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto Editora;
- Cunha, C., Cintra, L. (2017). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lexikon;
- Csepregi, M. (2014). Evidencialitás a hanti nyelvjáráásokban. Havas, F., Horváth K., Kugler, N., Vladár, Zs. (szerk.) *Nyelvben a világ: Tanulmányok Ladányi Mária tiszteletére*, 99-107. Tinta Könyvkiadó;
- Erdős, J., Prileszky, Cs. (2002). *Halló, itt Magyarország! Magyar nyelvkönyv külföldieknek*. Akadémiai Kiadó;
- H. Varga, M. (2020). *Rendbagyó nyelvtörténet*. Károli Gáspár Református Egyetem;

- Mroczko, E. (1973). *Język węgierski dla początkujących*. Wiedza Powszechna;
- Magyar Értelmező Kéziszótár. (2003). Akadémiai Kiadó;
- Pomozsi, P. (1991). Néhány gondolat a magyar „konjunktívusz”-ról. *Dolgozatok a magyar mint idegen nyelv és a hungarológia köréből* 23. Budapest;
- Saramago, J. (2005). *As Intermitências da Morte*. Companhia das Letras;
- Saramago, J. (2007). *Halálszünet* [trad. Pál Ferenc]. Európa Könyvkiadó;
- Szita, Sz., Görbe, T. (2010). *Gyakorló magyar nyelvtan. A Practical Hungarian Grammar*. Akadémiai Kiadó.